

*UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO-
UFMT*

PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Projeto de Monografia

Título:

“A Existência de Deus em Tomás de Aquino”

Orientador

Prof. Dr. Angelo Aparecido Zanoni Ramos

Nome: Sávio Laet de Barros Campos

P r o j e t o d e P e s q u i s a

A) **Nome:** Sávio Laet de Barros Campos

B) **Título:** *A Existência de Deus em Tomás de Aquino*

C) Introdução

O pequerrucho Tomás, no Mosteiro de *Monte Cassino*, teria perguntado a um abade: “Quem é Deus?”. Doravante, toda a sua vida e obra foram inteiramente dedicadas a responder a esta pergunta. Desta feita, seu itinerário passou a ser conhecer a Deus para transmiti-lo aos outros.¹ Sob este aspecto do pensamento do Aquinate, fala-nos Mondin:

Tomás coloca, portanto, a filosofia a serviço da verdade e esta a serviço de Deus. “Toda a obra de Tomás está voltada para um único fim que é a majestade de Deus” (Euken). Este caráter religioso patenteia-se acima de tudo na aspiração a um conhecimento sempre mais profundo de Deus. *A questão “quem é Deus” foi o motivo e o lema que caracterizaram toda a obra de Tomás de Aquino.*²

Agora bem, quando trata de Deus, Tomás não é mero aluno de Aristóteles. Também não se contenta em seguir, pura e simplesmente, Agostinho ou Anselmo.³ De modo que ao falar de Deus Tomás é ele mesmo.⁴ Desta maneira, o que há de mais original na obra do

¹ NASCIMENTO, Carlos Arthur R. **Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 60: “Tomás teria um dia perguntado: ‘Quem é Deus?’. Sua vida foi dedicada inteiramente, de ponta a ponta, a responder esta pergunta. Tomás queria saber quem era Deus e queria transmiti-lo aos outros – ‘contemplar a Deus e transmitir o que contemplou’, como ele próprio escreveu numa passagem célebre da Suma de Teologia (IIº parte da IIº parte, questão 188º, artigo 6º), que se tornou inclusive divisa da Ordem Dominicana.”

² MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 1**. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982. p. 186. (O itálico é nosso).

³ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 453: “Neste assunto [a existência de Deus] é-lhe [a Tomás de Aquino] vedado seguir a S. Agostinho ou a S. Anselmo; sua orientação é essencialmente aristotélica”. (Os colchetes são nossos).

Aquinate é a sua *teologia natural*, coroa da sua *metafísica*⁵: “(...) em metafísica santo Tomás não é mero repetidor de Aristóteles (como ensinavam Caietano e tantos outros exímios comentadores), mas um genial inovador”⁶.

Decerto que é pouco o que a filosofia nos pode dizer sobre Deus. Deveras a razão oferece-nos um conhecimento bastante débil das coisas divinas.⁷ Contudo, a excelência de um conhecimento não se mede apenas pela certeza que adquirimos a respeito do seu objeto, mas também e, sobretudo, pela eminência e dignidade deste objeto.⁸ Donde ser mais precioso conhecer menos o mais perfeito do que conhecer mais o menos perfeito.⁹ Daí que a máxima

⁴ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 657: “Se se trata de física, de fisiologia ou meteoros, Santo Tomás é apenas aluno de Aristóteles; mas se se trata de Deus, da gênese das coisas e de seu retorno ao criador, santo Tomás é ele mesmo.”

⁵ O objeto formal da metafísica é *o ser enquanto ser*. Agora bem, o estudo do ser enquanto ser leva-a, por consequência, a buscar a *causa* do mesmo ser enquanto ser. Ora, ao chegar à *causa primeira* do ser enquanto ser, descobre ela a existência do próprio *Ser Subsistente, Ipsum Esse Subsistens*: Deus. Daí que a coroa da metafísica seja a sua *teologia natural*, que se define como sendo a ciência das coisas divinas acessível à razão natural. Ela versa sobre aquelas verdades acerca de Deus que a razão humana pode admitir por suas próprias faculdades e a partir do conhecimento sensível: MARITAIN, Jacques. **Elementos de Filosofia 1: Introdução Geral à Filosofia**. 18ª ed. Trad. Ilza Das Neves e Heloísa de Oliveira Penteado. Rev. Irineu Da Cruz Guimarães. Rio de Janeiro: Agir, 1994. p. 162: “A Metafísica estuda o ser enquanto ser; mas por isso mesmo deve estudar a causa do ser: eis a razão porque a sua parte mais elevada, que é por assim dizer a sua coroa, tem por objeto Aquele que é o próprio Ser Subsistente. Chamam a esta parte de *Teologia Natural* (ciência de Deus enquanto ele é acessível à razão natural, autor da ordem natural) (...)”. Há, pois, em Tomás, duas teologias distintas que, conquanto distintas, acordam-se e completam-se mutuamente. Gilson as define com exatidão: GILSON. **A Filosofia na Idade Média** p. 667: “Há, pois, duas teologias especificamente distintas que, se, a rigor, não se continuam para nossos espíritos finitos, podem pelo menos acordar-se e completar-se: a teologia revelada, que parte do dogma, e a *teologia natural que a razão elabora*.” (O itálico é nosso). Aliás, o próprio Tomás alude a esta distinção: TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio-Questões 5 e 6**. Trad. Carlos Arthur R. Nascimento. São Paulo: UNESP, 1993. V, IV, C: “Há, portanto, uma dupla teologia ou ciência divina: uma, na qual as coisas divinas são consideradas não como sujeito da ciência, mas como princípios do sujeito e tal é a teologia que os filósofos expõem e que, com outro nome, é chamada metafísica; outra, que considera as próprias coisas divinas por si mesmas, como sujeito da ciência e esta é a teologia que é transmitida na Sagrada Escritura.”

⁶ MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 218.

⁷ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. II-II, 2, 4, C: “A razão humana é muito *deficiente* no conhecimento das realidades divinas.”

⁸ *Idem. Ibidem*. I-II, 66, 5, ad 3: “Deve-se dizer que como diz o Filósofo, ‘um conhecimento é preferível a outro ou porque é de coisas mais nobres ou porque é mais certo’. Portanto, se as matérias se igualam em bondade e nobreza, será maior a virtude que oferecer mais certeza. Mas a menos certa e, no entanto, ligada a coisas mais altas e maiores, é preferível à que é mais certa, mas ligada a coisas inferiores. Por essa razão diz o Filósofo que é importante poder saber algo das realidades celestes, ainda que por uma razão débil e provável. E ele acrescenta, em outro lugar: ‘É mais agradável conhecer pouco de coisas mais nobres do que saber muito de coisas não nobres’. (...) Mas esse pequeno conhecimento que se pode ter dele (Deus) pela sabedoria é preferível a qualquer outro saber.” (O parêntese é nosso).

⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. I, V, 5 (32): “(...) que embora pouco captemos das substâncias superiores, contudo, este pouco é mais amado e desejado que todo conhecimento que temos das substâncias inferiores. E ainda: *Idem. Ibidem*. III, XXV, 4 (2060): “Por isso, por pouco que possa captar do conhecimento divino, isso será para o intelecto como o último fim, superior ao perfeito conhecimento dos inteligíveis inferiores.” *Idem. Suma Teológica*. I, 1, 5, ad 1: “(...) o menor conhecimento relativo às coisas mais elevadas é mais desejável do que uma ciência muito certa das coisas menores, como se diz no livro I *Sobre os Animais*.”

perfeição do espírito humano consiste em conhecer a Deus¹⁰, ainda que este conhecimento seja diminuto em relação ao conhecimento que temos das coisas sensíveis.

Desta maneira, conhecer a Deus, para o Aquinate, constitui o ápice de todo o conhecimento humano.¹¹ De sorte que toda a filosofia tomasiana se encaminha para o conhecimento de Deus como para o seu *fim último*. Logo, a metafísica – máxime a *teologia natural* – é a coroa da filosofia do Aquinatense e também a parte de sua obra elaborada com maior denodo e originalidade.¹² De fato, é da sua *teologia natural*, produzida com maior descortino e alento na *Iª pars da Summae Theologiae*, que emanam os principais adinículos para todos os demais tratados da *Summae*; inclusive a ética e a política tomásicas estão assentadas na sua metafísica.¹³

Agora bem, dentre as coisas que a razão nos pode dar a conhecer a respeito de Deus, a certeza da sua *existência* é a mais importante. Na verdade, a demonstração da existência de Deus é o prolegômeno inelutável de toda a *teologia natural* tomasiana, “(...) pois o que primeiro se deve conhecer de algo é se ele existe”¹⁴. Desta sorte, a prova da existência de Deus é o *fundamento* de todo o discurso filosófico sobre Deus em Tomás. Destarte, qualquer abordagem consentânea à divindade que prescindida da prova da sua existência, perde a sua base. De resto, é na existência de Deus que Frei Tomás assentará aquela que, dentre as suas obras-primas, foi a única que chegou a completar: a *Suma Contra Gentiles*:

Entre as verdades que devem ser consideradas, acerca de Deus em si mesmo, dever ter precedência, como fundamento necessário que é toda esta obra, o estudo da demonstração de que Deus existe. Se assim não se fizer, toda a explanação sobre as verdades divinas perderá o valor.¹⁵

¹⁰ *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, V, 5(32): “Conclui-se, pois, do que dissemos, que por mais imperfeito que seja nosso conhecimento das coisas sutilíssimas, ele traz para a alma a máxima perfeição.”

¹¹ *Idem. Ibidem*. I, IV, 3(23): “(...) o grau supremo do conhecimento humano, que consiste no conhecimento de Deus.” Como diz em passagem análoga o próprio Tomás: *Idem. Ibidem*. III, XLIX, 6 (2270): “A este conhecimento de Deus nós também podemos chegar, pois, pelos efeitos conhecemos que Deus é, que é causa das outras coisas, supereminente a todas e distintas de todas. *E isso é o que há de supremo e perfeitíssimo do nosso conhecimento nesta vida (...)*”. (O itálico é nosso).

¹² *Idem. Ibidem*. I, IV, 3(23): “Como o trabalho especulativo de toda a filosofia dirige-se para o conhecimento de Deus, a metafísica – que tem por objeto as verdades divinas – deve ser a última parte da filosofia a ser conhecida.” E ainda: GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 657: “A teologia natural não é toda a filosofia, é apenas uma parte desta, ou, melhor ainda, o seu coroamento; todavia, é a parte da filosofia que santo Tomás elaborou com mais profundidade e na qual ele se manifestou como um gênio verdadeiramente original.”

¹³ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 212: “A especulação filosófico-teológica tomásica da Ia parte da *Summa Theologiae* é o fundamento e o necessário preâmbulo das admiráveis análises sobre a *praxis* humana e cristã da IIa parte.”

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. 2, 2, SC: “(...) primum enim quod oportet intelligi de aliquo, est na sit.”

A respeito da própria existência de Deus, Tomás, conquanto reconheça a importância das provas, não se prende somente a elas; aborda a questão com maior desvelo e pormenorizadamente nos *tres articulus*, da *Quaestio II – De Deo, An Deus Sit* – da *Pars Prima*, do tratado *De Deo Uno*, da *Summae Theologiae*. No primeiro artigo ele discute a evidência ou não da existência de Deus – *Utrum Deum esse sit per se notum* (A existência de Deus é evidente por si mesma?); no segundo, versa sobre a demonstrabilidade da mesma – *Utrum Deum esse sit demonstrabile* (É possível demonstrar a existência de Deus?); finalmente, no terceiro – *Utrum Deus sit* (Deus existe?) – colige as *quinque viis* (cinco vias) pelas quais julga exequível provar que Deus existe.

Ora bem, a nosso ver, no que concerne à existência de Deus, cuida que nos detenhamos, qual intróito precípua, em determinar o que o Aquinate entende por estes dois termos correlatos: “existir” e “ser”. Com efeito, as sobreditas questões, ao que nos parece, pressupõem que esta última esteja sanada e dirimida. Sem embargo, será o significado do termo “existir” que nos dará o *aporte* de toda a “teologia natural” tomásica, inclusive dos três artigos supracitados.

Por conseguinte, importa examinar bem o termo “existir” com o fito de saber o que Tomás quer expressar com ele, posto que é uma noção basilar na sua metafísica. Deste modo, a investigação sobre o significado da expressão “existência” deverá ser o preâmbulo de todo ulterior estudo em “teologia natural” tomásica. Portanto, a pesquisa referente ao significado do termo “existir” deverá preceder – ratificamos – as próprias questões supraditas acerca da existência de Deus, que a supõem e lhe passam a ser posteriores. Desta forma, a própria prova da existência de Deus, alicerce de toda a “teologia natural” tomasiana, depende da resposta que damos à questão: o que é ser ou existir, em Tomás?¹⁶

Ora, o nosso intento é precisamente este: se o que por primeiro se deve conhecer de algo é se existe – *an est* – esta mesma questão, porém, pressupõe ainda outra questão

¹⁵ *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, IX, 6 [58]. *Idem. Suma Teológica*. I, 2, 2, SC: “Mas isso não aconteceria se, por suas obras, não se pudesse demonstrar a existência de Deus, pois o que primeiro se deve conhecer é se ele existe.” GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1960. p. 521: “*Deus não é acessível à reflexão do filósofo senão através do problema da existência de Deus*, ao qual se segue o problema da natureza de Deus; logo o da ação de Deus e do governo divino no mundo.” (O itálico é a tradução são nossos).

¹⁶ *Idem. Ibidem*. p. 45: “Si se considera a la filosofía de Santo Tomás bajo el aspecto de lo revelable, el orden teológico al cual se vincula pónela inmediatamente frente ao problema de la existencia de Deus. Este problema supone comprendido de antemano el sentido del término ‘existencia’, es decir, que se haya definido aquello de que se habla al usar los verbos ‘ser’ y ‘existir’.” “Se se considera a filosofía de Santo Tomás sob o aspecto do revelável, a ordem teológica a qual se vincula põe-na imediatamente frente ao problema da existência de Deus. Este problema supõe comprendido de antemão o sentido do termo ‘existência’, isto é, que se haja definido aquilo de que se fala ao usar os verbos ‘ser’ e ‘existir’.” (A tradução é nossa).

fundante: o que é existir? O que é ser? De modo que, antes de afirmar que Deus *é* ou existe, temos que determinar o que é *existir* ou *ser*. Evidencia-se então o recorte da nossa temática: saber o que é existir para Tomás, a fim de depois conhecer se, em Tomás, a existência aplica-se a Deus.

Na verdade, o tema da existência de Deus em Tomás de Aquino tem recebido em nosso tempo, por parte de alguns doutos no assunto, uma notável contribuição no que se refere ao seu *fundamento*. Outrora tal *fundamento* residia nas cinco vias (*quinque viis*). Hoje, por uma bibliografia cada vez mais crescente e que será indicada no *quadro teórico* abaixo e, ao final, na própria *bibliografia* deste trabalho, tem crescido a convicção de que dito fundamento, para além das cinco vias, encontra-se no escopo da noção tomásica de *ser* ou *existir*. Nela estaria, além do mais, a prova especificamente tomasiana da existência de Deus:

Quando se fala das provas da existência de Deus em santo Tomás de Aquino, logo vêm à mente as célebres Cinco Vias da *Suma Teológica*. No entanto, essas vias não têm nada de especificamente tomistas (...) Seu mérito foi tê-las exposto com grande clareza, simplicidade e rigor. De qualquer forma – repito – as Cinco Vias não têm nada de especificamente tomista; são vias tradicionais (...).¹⁷

De forma que a prova formalmente tomásica da existência de Deus encontra o seu epicentro na sua concepção, até então inaudita, do *esse* como *actus essendi*. É ela que permitirá a Tomás chegar ao *Ipsum Esse Subsistens*: Deus. Por conseguinte, é esta noção, com todas as suas implicações, que é a *via* propriamente tomasiana para se chegar a Deus. Por isso também é que se tem dito que a verdadeira demonstração tomásica da existência de Deus é *ontológica a posteriori*:

Santo Tomás, que foi tomado pela idéia de ser (de onde provêm e onde se resolvem todas as demais perfeições) fez a mesma coisa: é em relação à perfeição do ser, complexo de todas as perfeições e fundamento de toda a realidade, que ele propõe a “sua” prova da existência de Deus. E trata-se de um argumento de tipo ontológico; aliás, talvez o único argumento ao qual se pode atribuir literalmente esta denominação, pois o seu discurso é todo centrado no ser e leva a Deus mediante um acurado exame das relações dos entes com o ser.¹⁸

¹⁷ MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. p. 217.

¹⁸ *Idem. Ibidem*. p. 218.

Cumpramos observar – repetimos – que é justamente aqui, quando trata destas questões relativas ao fundamento último do real – em especial a questão do ser (*esse*), concebido como ato de ser ou existir (*esse, actus essendi*)¹⁹ – que Tomás se mostra mais renovador, na sua ontologia já assaz inovadora. Afirma Mondin:

(...) santo Tomás de Aquino tem uma perspectiva metafísica original: uma concepção do fundamento último do real que não é mais a de Platão, nem a de Aristóteles, nem a de Plotino, nem a de Agostinho ou Avicena.²⁰

Por isso, mormente em “teologia natural” e máxime quando se trata da existência de Deus, atende não perder de vista e cuidar respeitar sempre aquela máxima relativa à metafísica tomasiana, declinada por Boehner e Gilson: “(...) importa não perder de vista que os termos e conceitos aristotélicos devem ser interpretados à luz do pensamento de Tomás, e não do de Aristóteles”²¹. De maneira que a metafísica tomasiana não é a metafísica aristotélica, inobstante tenha sido fortemente influenciada por esta: “O que nos deparamos em S. Tomás não é, pois, um aristotelismo genuíno”²². Conclui Gilson:

¹⁹ Como veremos com maior minudência no texto, estes dois termos, “ser” e “existir”, de certa forma, equivalem-se. De fato, Tomás entende que o termo “*esse*” designa, antes de tudo, um “*actus*” pelo qual a *substantia* passa a ser um *ens* (*ente*), ou seja, algo que existe. Desta sorte, Gilson sugere que, para uma análise mais minuciosa da metafísica tomasiana, deve-se traduzir, de preferência, *ens* por *ser* e *esse* por *existir*: GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. p. 46: “La lengua latina de que se valía Santo Tomás, ponía a su disposición dos vocablos diferentes, para distinguir un ser, *ens*, y para distinguir el ato mismo de existir, *esse*. La lengua francesa ou española sólo dispone de un solo vocablo en ambos casos: un être (ser) y être (ser) significa lo que es y el hecho de que lo que es, es o existe. Mas, como menudo tendremos ocasión de comprobarlo, se trata de dos aspectos de lo real, que el análisis metafísico debe distinguir cuidadosamente. A fin de haber más clara su distinción fundamental, generalmente es preferible no traducir el *esse* de que habla Santo Tomás por el término ‘ser’ (être), sino traducir *ens* por ‘ser’ (être) y *esse* por existir (exister).” “A língua latina de que se valia Santo Tomás, punha a sua disposição dois vocábulos diferentes, para distinguir um ser, *ens*, e para distinguir o ato mesmo de existir, *esse*. A língua francesa ou espanhola só dispõe de um vocábulo em ambos os casos: um être (ser) e être (ser) que significa o que é e o fato de que o que é, é ou existe. Mas, como amiúde teremos ocasião de comprová-lo, se trata de dois aspectos do real, que a análise metafísica deve distinguir cuidadosamente. A fim de fazer mais clara sua distinção fundamental, geralmente é preferível não traduzir o *esse* de que fala Santo Tomás pelo termo ‘ser’, senão traduzir *ens* por ‘ser’ e *esse* por existir.” (A tradução é nossa). Na verdade, ele não quer com isso opor o *esse* ao *ser*, como a princípio poderia parecer; ao contrário, quer frisar que o *ens* indica um *estado*, enquanto o *esse* indica o próprio *actus essendi*. O *ens* é aquilo que possui o *esse* (*habens esse*), já o *esse* poderia dizer que é o próprio ser (*ipsum esse*). O *ens* é aquilo que existe em virtude de possuir o *esse*; já o *esse* é o *ato de existir*. Vide: VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade**. Rev. Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2002. pp. 147 a 169.

²⁰ *Idem. Ibidem*. Para Mondin, a contribuição de Tomás para a ontologia foi verdadeiramente epocal: *Idem. Ibidem*. p. 49: “Tirando o ser daquele profundo esquecimento em que Platão, Aristóteles, Plotino, Agostinho e Avicena o haviam deixado cair, Tomás de Aquino coloca-o no centro do seu poderoso edifício metafísico: seu ‘discurso essencial’ é todo ele um discurso centrado no ser.”

²¹ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. p. 448.

²² *Idem. Ibidem*. MARITAIN, Jacques. **La Paysan de la Garrone**. In: MOURA, D. Odílio. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 9: “A metafísica de Tomás não é a de Aristóteles, porque é a

Superando assim o aristotelismo, santo Tomás introduzia na história uma filosofia que, por seu fundo mais íntimo, era irredutível a qualquer um dos sistemas do passado e, por seus princípios, permanece perpetuamente aberta para o futuro.²³

D) Justificativa

Com efeito, o problema da existência de Deus permanece, para a filosofia, sempre atual. De fato, se Deus não existe, a nossa vida fica circunscrita entre o berço e o túmulo. Por conseguinte, toda ética deve ser construída a partir deste fim imanente. Todavia, se Deus existe, a vida pode não se acabar com a morte, o conceito de justiça alarga-se e a imortalidade da alma deixa de ser apenas uma quimera, já que irrompe a perspectiva da eternidade. Um destino no além-túmulo se nos espera e somos interpelados a agir, aqui e agora – *hic et nunc* – de acordo com as suas exigências irrefragáveis. Além disso, os valores supremos que norteiam nossa existência também passam a ser outros, porquanto o fim para o qual tendemos muda. Eis o transcendente como fim último do homem, e o que o move não podem ser mais valores tão-somente temporais e pragmáticos, outrora absolutos e invioláveis. Nasce o indeclinável direito divino. Agora o que se nos apresenta são as leis incoercíveis condizentes a este destino ultraterreno. O problema da consecução da felicidade muda de foco completamente. O logro na persecução da beatitude passa então a estar ligado a um fim que ultrapassa o *aqui e agora*. Sintetiza Franca:

Deus existe? Está resolvido o problema da felicidade. Todo o homem pode atingi-lo através de uma vida moral sincera e fiel. (...) Deus não existe? Então a felicidade, cada qual a colocará num bem terreno escolhido segundo o seu temperamento ou as suas preferências subjetivas (...).²⁴

metafísica de Aristóteles inteiramente *transfigurada* (...)”. (O itálico é nosso). Ainda sobre este aspecto FRAILE, Guilherme. **Historia de la Filosofia**. In: MOURA, Odilão. **Introdução a O Ente e a Essência**. Rio de Janeiro: Presença, 1981. nota 22: “Seu (de S. Tomás) Aristotelismo não é puro, mas depurado. A elaboração a que submete este equivale, em muitos casos, a uma verdadeira criação (...) S. Tomás leva os princípios aristotélicos muito mais além do alcance que têm no próprio Aristóteles. Aquilo que no Estagirita era um germe magnífico ou um caminho cheio de promessas, se converte, em S. Tomás, em esplêndida realidade, muito superior ao que de si dá a letra do Peripatetismo.”

²³ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 671

²⁴ FRANCA, Leonel. **O Problema de Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 1953. . p. 17 e 18

Com efeito, a existência de Deus incide, direta e inexoravelmente, sobre a vida do homem, no que nela há de mais dramático e incomunicável: a existência e tudo o que seja conducente a ela. Repercute, positivamente, sobre a elaboração da ética, sobre os fundamentos da antropologia e sobre a própria vida social. Atravessa toda a filosofia e toda a ciência humana, uma vez que da resposta que damos à questão de Deus, dependem todas as demais respostas, para todos os outros problemas verdadeiramente humanos. Como diz Fabro:

A existência de Deus é o problema dos problemas; nele reside a conclusão de toda a filosofia e do conhecimento humano, tanto ordinário quanto científico, *porque dele depende a orientação definitiva que o homem deve dar à sua conduta e à sua vida interior* (...) O problema de Deus é o problema essencial do homem essencial, *de cuja solução depende a clareza de todos os outros problemas da existência (da ética, do direito, da economia...)*.²⁵

De tal sorte é assim que a sobeja gravidade deste problema é atestada pela mais vetusta tradição intelectual. Os filósofos de antanho costumavam ser contundentes nas suas assertivas: “No problema de Deus há duas questões principais que se impõem à atenção do *autêntico filósofo*. Uma é se Deus existe, questão que é preciso abordar por causa dos que professam o ateísmo, *mal gravíssimo*”²⁶. Assim, sobre tal problema não pode haver neutralidade possível para o homem, sob pena de subtrair-se ao dever inolvidável de dar um significado à existência da qual é fautor:

Não há aqui como prescindir, não há lugar para atitudes neutras incompatíveis com a própria natureza das coisas. Ou Deus existe para o Qual devemos tender – e a luz desta verdade necessariamente deve projetar os seus reflexos sobre toda a nossa peregrinação terrestre. Ou Deus não existe, a imortalidade é um sono – e então o problema da vida deve resolver-se todo entre o berço e o túmulo. Qualquer das alternativas repercute sobre todas as particularidades como sobre o sentido geral da existência (...) Em Deus, portanto, está suspensa a nossa vida moral, na determinação dos seus valores: d’Ele depende o carácter absoluto ou relativo dos fins da nossa atividade presente. Nele, ainda o *estímulo indispensável* ao bem-fazer. Os destinos do homem

²⁵ FABRO, Cornélio. **L’uomo e il Rischio di Dio**. Roma: Studium, 1967. p. 135 e 136. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 182. (O itálico é nosso).

²⁶ CÍCERO. **De Opificio Mundi**. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. Verbete: “Teodicéia”. (Os itálicos são nossos).

não são apenas um farol que ilumina os roteiros da vida, são ainda uma força motriz que lhe impulsiona todos os movimentos bons.²⁷

Destarte, a questão da existência de Deus revela-se como um problema profundamente humano. Não se limita aos “arcãos” metafísicos, mas desce ao acerbo do nosso quotidiano e coloca em jogo o sentido da nossa existência. Por isso mesmo, é uma questão também antropológica e ética. Neste sentido, coloca o filósofo espanhol Xavier Zubiri, nosso coevo: “O problema de Deus, enquanto problema, não é um problema qualquer, colocado arbitrariamente pela curiosidade humana, mas é a própria realidade humana em seu constitutivo problematismo”²⁸. No seu bojo, encontram sentido as maiores inquietações do homem: a existência do mal, da dor e do sofrimento. Um acadêmico, dilacerado pela dúvida de Deus, confessa:

A minha dúvida é sobretudo tormentosa e dilacerante porque me deixa sem resposta em face do drama da vida e da morte, dos problemas da dor e do mal e não me permite afirmar nem mesmo supor que as lutas e os sofrimentos dos seres vivos tenham uma finalidade e uma razão de ser, que a existência possua uma significação e um valor.²⁹

Não se trata, portanto, de um problema que envelhece e que, com o tempo, possa tornar-se defasado. Tampouco, ratificamos, é apenas abstrato que fique preso somente ao numinoso, ao etéreo.³⁰ Antes, desce do empíreo aos acres do concreto. Por isso, a existência de Deus se mostra sempre como um problema atual, visto que, no final das contas, é o problema do homem, que interfere, de forma inalienável, no sentido da sua vida: “A pergunta sobre a existência de Deus se acha intimamente ligada à *finalidade da existência humana*. Não é só uma questão intelectual, mas também uma questão da vontade do homem, ou melhor, *uma questão do coração humano (...)*”³¹.

²⁷ FRANCA. *Op. Cit.* p. 16 e 17.

²⁸ ZUBIRI, Xavier. **El Problema Teologal del Hombre: Teología y Mundo**. Madri: Cristiandad, 1975. p. 45. In: ZILLES, Urbano. **O Problema do Conhecimento de Deus**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 11.

²⁹ LEVI, Adolfo. **Archivio di Filosofia**. p. 34. In: FRANCA, Leonel. **O Problema de Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 1953. p. 12.

³⁰ Sobretudo em Tomás, para o qual a origem de todos os nossos conhecimentos está nos sentidos, a origem do conhecimento humano de Deus não pode estar na abstração de uma ideia: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 1, 9, C. Mesmo as coisas que transcendem os sentidos, conhecemo-las a partir dos sentidos: *Idem*. **Suma Contra os Gentios**. I, XII, 8 (90): “(...) a origem do nosso conhecimento, até mesmo das coisas que transcendem os sentidos, está nos sentidos”. Com Deus não é diferente. Portanto, conquanto Deus seja o supremo inteligível, a base da prova da sua existência terá que ser forçosamente os seus efeitos sensíveis: *Idem*. *Ibidem*. I, XII, 8 (90): “(...) embora Deus transcenda as coisas sensíveis e os sentidos, contudo os seus efeitos, dos quais é assumida a demonstração para provar que Deus é, são sensíveis”

Aliás, vários filósofos hodiernos, nossos coetâneos, continuam a defender, sobremaneira, a riqueza intangível do tema da existência de Deus para a filosofia contemporânea. Um deles, não pestaneja em dizer: “Apesar dos questionamentos críticos à metafísica tradicional, nos tempos modernos e contemporâneos, a questão de Deus permaneceu como a mais desafiadora e, ao mesmo tempo, a mais interessante para a reflexão filosófica”³².

Ademais, importa ressaltar ainda que a pergunta sobre Deus tornou-se, para o nosso tempo, sobretudo a pergunta sobre a sua existência. De sorte que, “Nos tempos modernos, o problema de Deus tornou-se, sobretudo, o de sua *existência*”³³. Pensamos, então, seja hoje ainda relevante uma abordagem da questão de Deus, mormente da sua existência, dentro de uma pesquisa filosófica, que eleja Tomás de Aquino como principal referencial teórico.

E) Hipóteses e Problemas

Deus existe? Se Ele existe ou não, como podemos saber, se antes não soubermos no que consiste o existir? Se o objeto próprio do nosso intelecto, como diz Tomás, é a quiddidade (*quidditas*) das coisas sensíveis, como podemos chegar a conhecer a existência de um *ente metafísico*? Não seria a nossa razão inábil para fazer tal inferência? Neste caso, a questão da existência ou não de Deus não seria um problema alheio à filosofia, pertencendo apenas ao campo da fé? Ou será que, como pensava Tomás, podemos, perquirindo a contingência das coisas sensíveis, ascendermos à existência de Deus por meio de minudente raciocínio dedutivo? Se a resposta for positiva, isto é, se a existência de Deus pode ser admitida pela razão, mister é contemplá-la na persecução da pesquisa filosófica e urge que nos detenhamos na consecução dos seus corolários.

³¹ JOÃO PAULO II. **Cruzando o Limiar da Esperança**. Trad. Antonio Agonese e Ephraim Ferreira Alves. Rev. Umberto Figueiredo Pinto e Wendell Setúbal. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1994. p. 47. (Os itálicos são nossos).

³² ZILLES, Urbano. **O Problema do Conhecimento de Deus**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 12.

³³ *Idem. Op. Cit.*

F) Objetivos

F.1) Objetivo geral

Nosso intento será mostrar o que é *existir* para Tomás, e, partindo da *existência das coisas sensíveis*, que é *contingente*, chegar ao conhecimento da existência do *Ato Puro de Existir*, do *Ipsum Esse Subsistens*, que existe e não pode não existir e que é o fundamento de todas as coisas que são: Deus.

F.2) Objetivos específicos

- 1) Objetivamos trabalhar sucintamente a questão da existência em geral, a fim de sabermos o que é existir para Tomás;
- 2) objetivamos mostrar como o existir aplica-se, por antonomásia, a Deus;
- 3) objetivamos, ainda que concisamente, arazoar como Deus não somente é o próprio existir, senão que é também o fundamento de todas as coisas que existem;
- 4) objetivamos, com isso, arrolar as razões pelas quais a metafísica tomásica ultrapassa a dos seus predecessores e antecessores, inclusive a aristotélica e agostiniana;
- 5) objetivamos acentuar como a verdadeira prova da existência de Deus tomasiana está no seu argumento ontológico aposteriori.

G) Metodologia e Cronograma

Objetivamos procurar fazer uma análise filosófica da existência de Deus em Tomás de Aquino, levando em conta a acuidade racional dos argumentos, o interstício que separa as obras do autor e certos pressupostos históricos do seu tempo.

Daremos início à indústria munindo-nos de leituras acuradas das fontes e comentadores. Em seguida, passaremos aos fichamentos e à assimilação dos conceitos, apropriando-nos da linguagem observada pelo autor e seus sequazes. Enfim, envidaremos esforços na composição do texto. Após revisto com desvelo no que se refere à filosofia, passaremos a revisá-lo gramaticalmente. Relido após a correção, daremos ensejo à formatação, configuração e demais formalidades, seguindo o que reza a ABNT. O prazo previsto para a conclusão do trâmite proposto é de um ano.

H) Quadro Teórico

Privilegiaremos entre as obras do autor – em ordem cronológica – as seguintes: o opúsculo filosófico da sua juventude, *De ente et essentia* (1254 a 1256), na recente tradução brasileira do Prof. Carlos Arthur R. Nascimento (2005); a *Summa contra Gentiles* (1258 a 1264), na tradução brasileira de D. Odilão Moura, revista recentemente (1996) pelo Prof. Luis Alberto De Boni; a *Summae Theologiae* (1266-1274) – obra-prima do autor – máxime na sua “*Pars Prima*”, composta entre os anos 1266 a 1272. Transitaremos por ela na nova tradução brasileira que recebeu – empresa de fôlego das *Edições Loyola* – e que resultou no aparecimento de nove volumes, entre os anos de 2001 a 2006. Finalmente, frequentaremos o opúsculo teológico *Compendium Theologiae*, dedicado ao *socius frater* Reginaldo de Piperno e que permaneceu inacabado, posto que Tomás fora surpreendido pela morte; sua tradução ao vernáculo foi outra obra de alento de D. Odilão Moura (1977). Não estão concordes os cautos sobre a data em que foi composto o referido opúsculo. Ao que tudo indica, a sentença mais provável é a que o localiza durante o magistério napolitano de Tomás, entre os idos de 1272 e 1273.

Nosso comércio com os comentadores de Tomás se restringirá aos contemporâneos. Dentre eles, trafegaremos com maior frequência pelas obras do principal medievalista do século passado, Etienne Gilson (1884-1978). As obras de que nos valeremos, citá-las-emos em ordem cronológica, que também favorece quanto à importância com que comparecerão no cenário do nosso texto. Antes de tudo, o clássico *Le Thomisme. Introduction au Siystème de Saint Thomas D’aquin* (1919), em sua *versão castelhana* (1960) – única autorizada do

original francês – por Alberto Oteiza Quirino: *El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino*.

Também lançaremos mão de *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d’Occam* (1922), na versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. A tradução que seguiremos, no caso, será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*. Outra referência obrigatória do mesmo autor será o opúsculo filosófico *God and Philosophy* (1941), em sua tradução portuguesa por Aida Macedo, lançada pelas *Edições 70*, na coleção *Textos Filosóficos*, em 2003. Finalmente, iremos valer-nos da *História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa* (1951) – parceria de Gilson com Philotheus Boehner –, trazida para o vernáculo pelo saudoso Prof. Raimundo Vier, em 1970, a partir da edição alemã: *Christliche Philosophie – von ihren Anfaengen bis Nikolaus von Cues* (1952 a 1954).

I) Orçamento

- 1) Ônus pecuniário da mensalidade: R\$ 150,00;
- 2) Ônus monetário do Ônibus: ir e vir;
- 3) Ônus da frequência às aulas nos finais de semana;
- 4) Ônus de deslocamento de Várzea Grande a Cuiabá;
- 5) Ônus do tempo do qual terei que lançar mão por conta da pesquisa, das leituras, dos fichamentos e das eventuais correções pertinentes ao trabalho;
- 6) Ônus do tempo hábil do qual terei que me dispor para a confecção das fases do projeto e do próprio texto;
- 7) Ônus do compromisso acadêmico com os demais módulos.

J) Bibliografia

J.1) Fontes:

CÍCERO. **De Opificio Mundi**. In: MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **Comentário da Trindade de Boécio: questões 5 e 6**. Trad. Carlos Arthur R. Do Nascimento. São Paulo: UNESP, 1996.

_____. **Compêndio de Teologia**. 2ª ed. Trad. D. Odilão Moura, OSB. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **O ente e a essência**. 2ª ed. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. **Questões Disputadas Sobre a Verdade e Sobre a Diferença da Palavra Divina e Humana**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. In: **Verdade e Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Suma Teológica. I, q. 1 - 43**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. _____. **I, q. 44 - 119**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. _____. **I-II, q. 49 - 114**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Suma Contra os Gentios. Vol 1**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

_____. _____. **Vol 2**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

J.2) Bibliografia:

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000.

FABRO, Cornélio. **L'uomo e il Rischio di Dio**. Roma: Studium, 1967. In: MONDIN, Battista **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

FRAILE, Guillermo. **Historia de la Filosofia**. In: MOURA, Odilão. **Introdução a O Ente e a Essência**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

FRANCA, Leonel. **A Crise do Mundo Moderno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

_____. **A Psicologia da Fé**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

_____. **O Problema de Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 1953.

GARRIGOU-LAGRANGE, Réginald. **Dios: II. Su Existencia**. Trad. José San Román Villasante. Madrid: Ediciones Palabras, 1977.

_____. **Dios: Su Naturaleza**. Trad. José San Román Villasante. Madrid: Ediciones Palabras, 1977.

_____. **La Síntesis Tomista**. Trad. Eugenio S. Melo. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1947.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Deus e a Filosofia**. Trad. Aida Macedo. Lisboa: Edições 70, 2003.

_____. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1960.

_____. **O Espírito da Filosofia Medieval**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRABMANN, Martinho. **Introdução à Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Francisco Lage Pessôa. Rio de Janeiro: Vozes, 1944.

JOÃO PAULO II. **Cruzando o Limiar da Esperança**. Trad. Antonio Agonese e Ephraim Ferreira Alves. Rev. Umberto Figueiredo Pinto e Wendell Setúbal. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1994.

LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

_____. **Tomás de Aquino: Vida e Pensamento – Um Estudo Introductório Geral (e à Questão “Sobre o Verbo”)**. In: **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEVI, Adolfo. **Archivio di Filosofia**. In: FRANCA, Leonel. **O Problema de Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 1953.

MARITAIN, Jacques. **Elementos de Filosofia 1: Introdução Geral à Filosofia**. 18ª ed. Trad. Ilza Das Neves e Heloísa de Oliveira Penteadó. Rev. Irineu Da Cruz Guimarães. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

_____. **La Paysan de la Garrone**. In: MOURA, D. Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990.

_____. **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos**. Trad. Gemma Scardini. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente Vol 1**. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982.

_____. **Introdução à Filosofia: Problemas, Sistemas, Autores, Obras**. 15ª ed. Trad. J. Renard e Luiz J. Gaio. Rev. Danilo Morales, Luiz A. Miranda e José Sobral. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. **Santo Tomás de Aquino: O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUC, 1992.

PENIDO, Maurílio Teixeira Leite. **A Função da Analogia em Teologia Dogmática**. Trad. Dinarte Duarte Passos. Rev. Maurílio Teixeira Leite Penido. Rio de Janeiro: Vozes, 1946.

REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Escritos de Filosofia I: Problemas de Fronteiras**. 3ª ed. Rev. Marcos Marcionilo e Silvana Cobucci. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade**. Rev. Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2002.

ZILLES, Urbano. **O Problema do Conhecimento de Deus**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

_____. **Fé e Razão No Pensamento Medieval**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Filosofia da Religião**. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1991.

ZUBIRI, Xavier. **El Problema Teologal del Hombre: Teologia y Mundo**. Madri: Cristiandad, 1975. In: ZILLES, Urbano. **O Problema do Conhecimento de Deus**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.